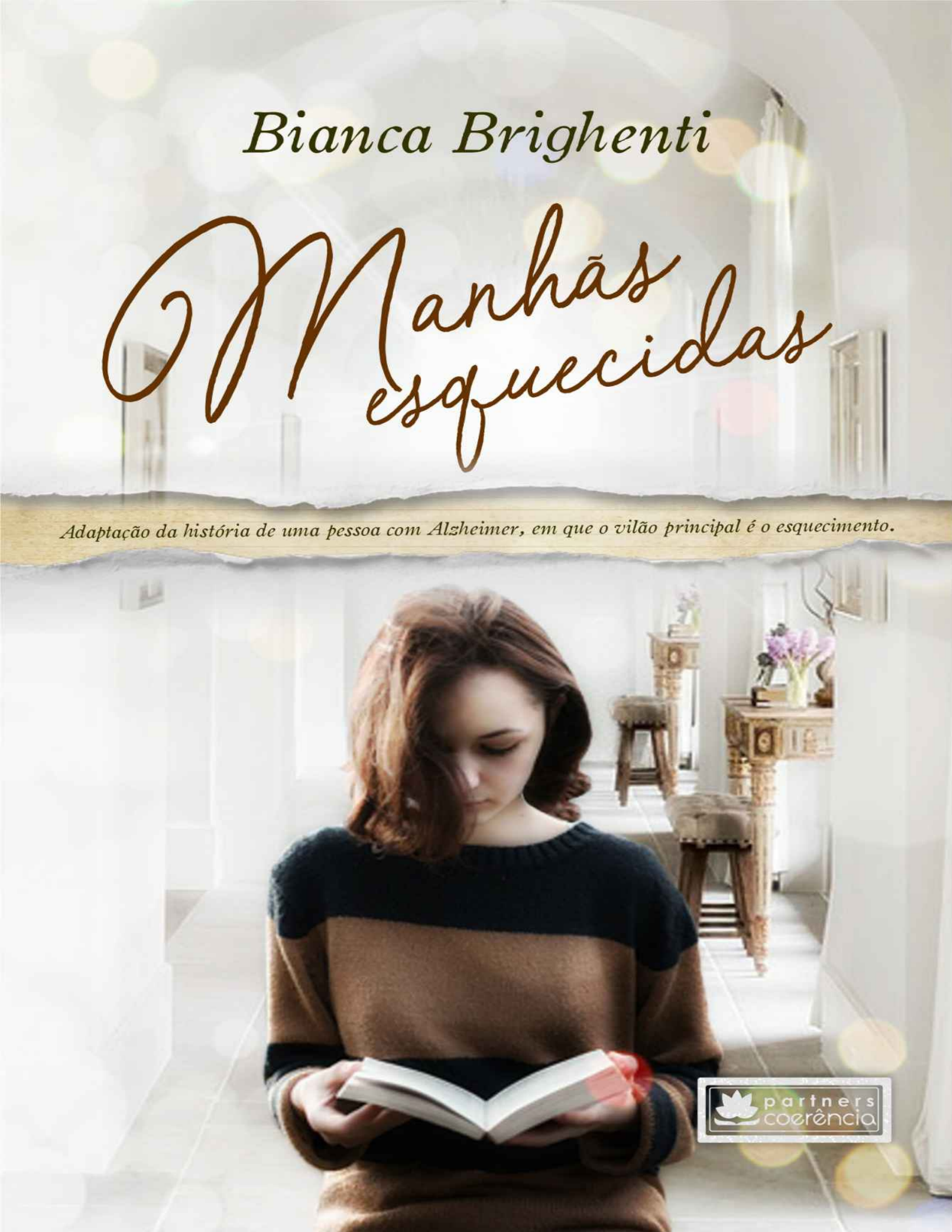
Bianca Brighenti

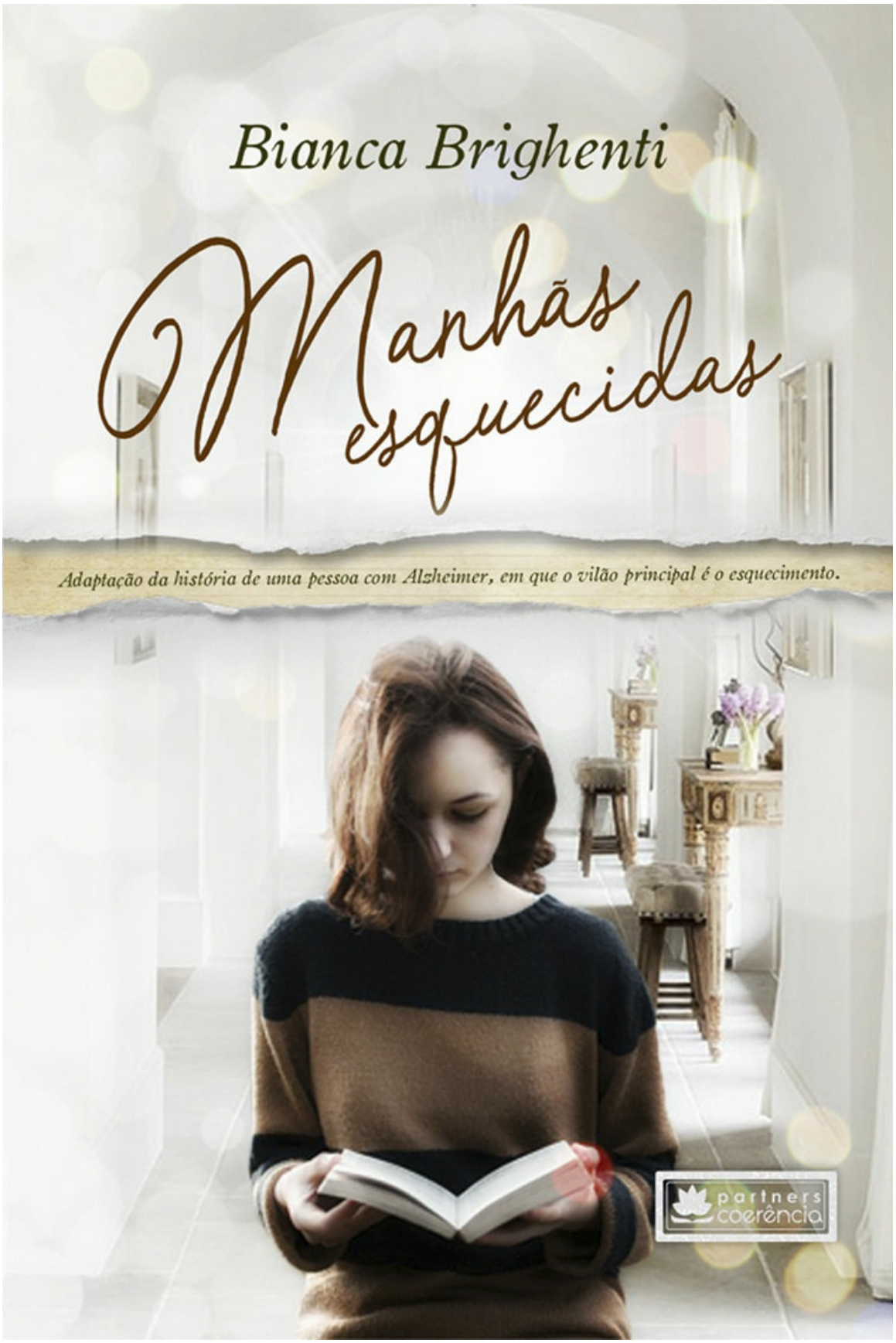
Manhãs esquecidas

Adaptação da história de uma pessoa com Alzheimer, em que o vilão principal é o esquecimento.



partners coerência

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright© By Editora Coerência 2018

MANHÃS ESQUECIDAS©
BIANCA BRIGHENTI

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial
Diretora Editorial: LILIAN VACCARO
Revisão: ARIANE ELEUTÉRIO
Capa: DÉCIO GOMES
Diagramação: CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Brighenti, Bianca;
Manhãs Esquecidas - 1a edição — São Paulo — Editora Coerência 2018
ISBN: 978-85-92572-98-3
1. Romance. 2. Alzheimer, doença de I. Título

CDD. 833

Editora Coerência
Rua Pinhancó, 12A
Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350
Site: www.editoracoerencia.com.br
E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br
Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bianca Brighenti

Manhãs esquecidas

Adaptação da história de uma pessoa com Alzheimer, em que o vilão principal é o esquecimento.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dedico este livro para minha família, amigos e professores, pois sem eles nada deste sonho se tornaria real.

Dedico também à inspiradora desta história: minha falecida, amada, eterna e única avó Dorifice.

Prefácio

Você já se imaginou vivendo em meio ao esquecimento?

Você já se imaginou perdendo suas memórias? Não se lembrar mais de como se faz as coisas básicas do dia a dia? Não saber quem são as pessoas que convivem com você?

Você já se imaginou sendo esquecido por uma pessoa que ama muito? Precisando ajudá-la sem ao menos ser reconhecido?

Sim, isto pode acontecer e este vilão do esquecimento tem um nome: Alzheimer.

“Manhãs Esquecidas” é uma história singela, que lhe mostrará a dificuldade de se viver em meio a esta doença tão triste.

Você vai se emocionar a cada página virada, vai sentir um pouco do que é viver com uma pessoa que não se lembra mais das coisas.

Vai aprender a dar mais valor à sua vida e a notar a presença de Deus em cada detalhe.

Você não sairá desta história da mesma forma que
entrou.

Boa leitura!

Ariane Eleuterio
Revisora e blogueira

“Você nunca morrerá
enquanto um escritor lhe amar...”

Hoje era o dia do seu mais novo trabalho. Clarisse esperava ansiosamente olhando os ponteiros do relógio finalmente marcarem oito horas.

Andava por toda a sala esfregando as mãos uma na outra e se perguntado: “Será que seria difícil? Será que se sairia bem?”. Fora tão complicado encontrar tal emprego que faria de tudo para ser boa no que tivesse que realizar.

— A senhora parece nervosa... — disse o taxista moreno a sua frente.

— E estou mesmo. É o meu primeiro dia em meu novo emprego. Estou uma pilha de nervos — disse ela com um sorriso tímido destacado no rosto.

— Boa sorte e não desperdice a chance. Com essa crise no país, está muito complicado encontrar um emprego.

— Obrigada, você está totalmente certo. Será um trabalho difícil, porque somente terei folga aos domingos... Mas creio que com paciência tudo se encaixará. — Ela apertou a mão do taxista, entregou-lhe o dinheiro e seguiu em direção a casa onde seria sua mais nova moradia.

Respirando fundo, a mulher tocou a campainha e aguardou.

— Bom dia, você é Clarisse Mendes? — disse uma senhora de meia idade, com vestes formais e cabelos impecáveis. A cuidadora supôs que a mulher fosse uma advogada.

— Sim, senhora.

— Entre... — disse ela, com um semblante sério.

Observando tudo ao seu redor, Clarisse constatou que a família devia ser bem de vida. Quadros lustrosos estavam pendurados na parede e vasos antigos se destacavam nas prateleiras, coisas de primeira mão.

— Acompanhe-me, por favor.

Entrando em um quarto rosa claro, Clarisse viu fotos antigas de pessoas abraçadas e sorrindo,

porém, sentiu que aquela casa não tinha esta felicidade há anos.

— Essa é minha mãe, Cameron. Ela tem Alzheimer e já está bem avançado. Devido a doença, ela não anda mais, não come sozinha e não se lembra de ir ao banheiro, por isto necessita de fraldas. Não se importe se ela não se lembrar do seu nome, isto vai acontecer, ela não se lembra nem do meu, que sou sua filha... — disse a mulher, muito triste. — Não será um serviço fácil, você precisará de força de vontade se quiser continuar aqui.

Saíram do quarto da senhora e foram caminhando pela casa enquanto a mulher continuava seu discurso.

— Existem câmeras espalhadas pela casa toda, por causa de um caso inconveniente que já tivemos. Sabe bem como são as pessoas hoje em dia, buscando somente tirar vantagens umas das outras. Posso confiar que não precisarei utilizá-las novamente?

— Sim, senhora — disse Clarisse, sendo totalmente clara e sincera.

— Ótimo. Tenha cuidado ao pegá-la, pois sua

pele é muito sensível, qualquer mínimo de força que fizer pode deixar manchas roxas ou avermelhadas e, caso bata em algo, poderá até abrir ferimentos graves.

— Entendido.

— Em urgência, esta lista telefônica lhe será útil. O meu número é o primeiro. Qualquer problema, se ela passar mal ou coisa do tipo, ligue primeiro para mim que eu virei imediatamente. — A mulher suspirou, parecendo exausta. A cara de preocupação nunca saía de seu rosto. — Clarisse, quer mesmo continuar neste trabalho? Você é nova, tem tantas coisas para viver. Tem certeza absoluta disso? Nós entenderemos se quiser desistir, não será a primeira a nos abandonar. É algo muito complicado de se fazer e tenho que impor algumas regras, afinal, ela é minha mãe!

— Eu compreendo senhora. Tenha certeza de que tentarei fazer o meu melhor. Entendo a sua preocupação, mas confie em mim. Vou tratá-la como minha mãe. A mãe que nunca tive...

Clarisse nunca tivera a oportunidade de conhecer a sua mãe e nada sabia da sua história, pois viveu

desde bebê em um orfanato.

— Um sincero obrigada! — disse a mulher mais aliviada. — Percebo que você será mais do que uma cuidadora de idosos, será uma amiga. Tenho certeza que dará certo.

— Eu que agradeço por confiar em mim.

— Qualquer problema já sabe, não hesite em me ligar. Agora tenho que correr para o meu trabalho. A propósito, meu nome é Lourdes.

— Tudo bem...

Lourdes beija levemente a cabeça de sua mãe e sai correndo em direção ao seu carro.

Uma jornada se iniciou, e Clarisse sabia que não seria nada fácil.

Ela não tivera tempo de reparar detalhadamente na doce senhorinha que estava deitada na cama e que seria sua nova amiga diária. Chegou mais perto e a viu dormindo feito um bebê, seus cabelinhos brancos sobre o travesseiro, parecidos com as nuvens que pairam no céu, seu doce rosto branquinho, suas unhas pintadas com florezinhas decorando-as.

—

— Bom dia. Como vai, Dona Cameron? — disse Clarisse, com o olhar meigo e um sorriso no rosto.

— Ah, bom dia. Tudo bem — responde a senhora. — Você é uma gracinha!

— Muito obrigada! A senhora que é! — Ela não sabia se falava seu nome, pois, como havia dito Lourdes, Dona Cameron não se lembraria. Decidiu falar por questão de respeito. — Meu nome é Clarisse e vou passar uns dias com a senhora, seremos ótimas amigas!

— Ah meu bem, lembro-me direitinho de você pequena, sempre foi linda! — disse ela, olhando admirada para Clarisse.

De fato, a doce senhorinha deitada naquela cama tinha Alzheimer, pensou Clarisse, elas nunca haviam se visto na vida, a não ser no dia de hoje.

— Mas é claro — interagiu a cuidadora. — A senhora sempre foi carinhosa comigo, morávamos bem perto há alguns anos...

— Claro, eu me lembro. Seu pai sempre foi um homem muito bom. — Ela parou e pensou. —

Você sabe onde está o meu marido? Já faz dias que não o vejo... Estou desesperada sem notícias dele... Não sei se está vivo ou morto. Acho que está em busca de trabalho. Ajude-me, por favor. A saudade é tanta!

— Não me recordo, senhora. Qual o nome do seu marido?

Ela pensativa, olhava para o teto e nada respondeu. Percebeu Clarisse que a velhinha não se lembrava.

— Isso não importa mais — disse ela, quebrando o silêncio —, vamos tomar um banho para que na hora em que ele chegar, possa sentir todo o seu perfume.

— Eu já tomei banho hoje, foi um pouco mais cedo...

Ela notou o odor vindo de Dona Cameron e sabia que ela havia urinado na fralda e em toda a cama.

— Tudo bem então, mas vamos levantar... — disse Clarisse, determinada a colocar a vozinha na cadeira de rodas e levá-la para o banheiro. Ela nem iria perceber.

Respirou fundo e, com muito esforço, ela a levantou e a colocou na cadeira de rodas ao lado. Todo o lençol estava encharcado de urina.

— Vamos, Dona Cameron — disse ela. — A senhora está com vontade de ir ao banheiro?

— Não, eu já fui agora mesmo. Antes de você chegar aqui.

— Com licença, vou tirar a sua roupa para a senhora tomar um banho bem gostoso. — Ela a puxou novamente e a colocou em sua cadeira de banho.

Clarisse era bem magra, então teria que fazer muita força para que conseguisse levantar a senhora que não era muito leve.

Depois de lavada e enxugada, a cuidadora colocou uma roupa bem levinha e macia na senhora. Passou creme nos braços e perfume.

Já estava ficando tarde, então ela resolveu preparar o almoço. Deixou a vozinha na cadeira de rodas perto dela e, enquanto cozinhava uma sopa de legumes, ela puxava assunto.

Durante a refeição, Clarisse percebeu a angústia

de Dona Cameron.

— A senhora está bem? Está tão quietinha... — ela disse, carinhosamente.

— Ah, eu estou muito preocupada na verdade. Já faz dias que não vejo o meu marido e nem os meus pais. Você sabe onde eles estão? Onde eu estou? — Cameron disse agoniada.

Por sua idade, Clarisse supôs que Dona Cameron não tivesse mais os pais vivos. Mas e o seu marido, onde estava? Talvez ele já tivesse morrido também. Ela tinha a plena consciência de que era um bom homem e muito importante para Dona Cameron.

A tarde chegou e Clarisse colocou sua companheira para um descanso curto, pois logo ela teria que tomar os remédios, jantar e dormir.

Enquanto a senhorinha estava deitada em sua cama, a cuidadora resolveu arrumar as gavetas do guarda-roupas, a fim de conhecer o lugar onde ficava cada peça de roupa e deixar tudo bem organizado e limpo.

Tudo já estava como ela queria, quando de repente, puxou um mero cobertor que estava em cima do imenso guarda-roupas e um livro

empoeirado caiu sobre seus pés. A capa era de couro marrom escuro; as páginas, amareladas pelo tempo, já estavam totalmente preenchidas por letras redondas e finas. Aparentava ser bem antigo.

Clarisse começou a folheá-lo e ficou curiosa com o conteúdo escrito. “Seria errado da minha parte lê-lo?”, ela se perguntava. Todavia o entusiasmo era tanto que resolveu sentar-se para descansar e ler algumas páginas, enquanto Dona Cameron dormia tranquilamente.

“A longa distância apenas serve
para unir o nosso amor.
A saudade serve para me dar a
absoluta
certeza de que ficaremos para sempre
unidos...”

William Shakespeare

S*omos uma família feliz. Com problemas iguais as outras, mas isto não tira a nossa alegria.*

Minha avó é conhecida na região por levar sopa aos desabrigados e visitar os doentes em hospitais. Mulher corajosa e muito boa. Inspiração para todos que convivem com ela. Seu nome é Elizabeth, mais conhecida por Liz. Seu cabelo dourado-claro vai até o queixo, é muito bonito.

Não conheci direito os meus pais, eles morreram em um acidente de carro quando eu ainda era muito pequena. Com o tempo, eu me acostumei a

viver sem eles, mas demorou muito para que isto acontecesse.

Minha irmã mais velha sempre gostou de ler e escrever. Com a caneta na mão, ela anda pelas estradas da vida e anota tudo em seu melhor ponto de vista. Ela se chama Lúcia, em homenagem a minha outra avó, por parte de pai, quem eu nunca cheguei a conhecer. Lú (como costumo chamá-la) é uma pessoa bem na dela, apesar de nos darmos bem não costumamos conversar muito. Ela é uma jovem muito bonita, tem a pele branca e os lábios bem avermelhados.

Minhas tias por parte de pai moram bem longe de casa, então temos contato mínimo.

Vovó Liz não tivera mais filhos, somente minha mãe, que também não estava mais presente em nossas vidas.

Eu sou uma garota normal, nem bonita, nem feia.

De certa forma, todos têm um motivo para se orgulharem pelo que fazem, menos eu. Nunca fiz absolutamente nada para um mundo melhor e nem para as pessoas serem melhores. Às vezes tenho vergonha disso, mas não posso mudar quem eu

sou.

Você deve ter percebido que somos apenas nós três: eu, minha irmã e minha avó, que faz papel de mãe, pai e avó ao mesmo tempo. Antigamente, isto me incomodava, mas fui percebendo que ser sozinha até que pode ser bom. Em alguns casos, é claro.

Três mulheres. As pessoas que mais amo em minha vida. As duas me completam por inteira.

“Afinal, aquilo que amamos sempre será parte de nós.”

H*oje visitamos o hospital St. Louis e depois levamos comida para as pessoas da avenida.*

Minha avó arrumou os seus cartazes motivacionais de como ser uma pessoa feliz em meio aos problemas. Esse era o grande ponto, pois os doentes fracos e oprimidos enxergavam apenas a dor e a miséria.

Como sempre, eu a acompanhei. Minha irmã não pôde ir, pois teve que ficar na escola até mais tarde estudando para a prova que teria no dia seguinte.

— Está pronta, querida? — disse vovó, com um largo sorriso no rosto. Ajudar as pessoas sempre a fez muito bem. Ela é ótima em tudo que realiza, não sei o que seria de mim sem a Dona Elizabeth.

— Estou sim... Falta alguma coisa para levarmos? —
disse eu.

— Creio que não. Cartazes, textos auxiliares, as comidas, tudo pronto. Cadê o sorriso? Como se pode ajudar alguém com uma cara dessas, meu amor?! Vamos, vamos, fique feliz! — ordenou ela, com um olhar angelical em minha direção.

— Não estou triste vó. É que sempre fazemos isso e não ganhamos nada em troca, entende? Não faz diferença alguma. Aposto que ninguém sabe quem somos... — disse eu, pensativa.

— Claro que ganhamos! — ela exclamou bem alto. — Espalhamos sorrisos e alegria para as pessoas que necessitam disto. Quer atitude mais linda do que esta? Hoje, vamos ver as criancinhas que estão precisando de motivação. Você sabe que sua vozinha não aguenta ficar parada, não é mesmo? Vamos logo menina, antes que nos atrasemos. Coloque isto em você também, vai ficar uma graça... — disse ela, colocando uma pequena bolinha vermelha em seu nariz fino simbolizando um palhaço.

Minha avó sempre fez as coisas com alegria, eu não entendo como ela consegue fazer isto. Se você for uma pessoa mal-humorada como eu, fique perto

dela, pois logo se sentirá mais feliz.

Chegando lá, diversos olhares curiosos nos cercaram de todos os cantos e ângulos. Crianças com cabeças raspadas, outras com cabelo; umas maiores, outras menores, todas deitadas em camas ou sentadas em poltronas. Digamos que a felicidade não era vista naquele lugar há um longo tempo. Bem como Dona Liz havia me dito.

Vovó começou a falar sobre diversas coisas: sonhos, dores, angústias e, por fim, felicidade. Brincava e dançava, contava piadas sem graça, mas que faziam as crianças rirem.

Os olhares, graças a ela, começaram a ficar diferentes. Em poucos minutos, gargalhadas ecoavam na sala da tristeza, que agora se tornava oficialmente a sala da alegria. Até eu me sentia mais feliz e realizada com o que estávamos fazendo.

Depois, partimos em direção à avenida para levarmos comida aos pobres.

Residiam ali pessoas de todas as idades.

Uma garotinha que usava rabo de cavalo abraçou as pernas da minha avó.

— Melhorou as dores na barriga, minha querida? — perguntou Dona Liz.

— Sim, aquele remedinho que a senhora me deu foi muito bom. Obrigada – respondeu a pequena garota.

Vovó se sentou no meio deles e logo foi distribuindo as comidas. As pessoas sorriam e a abraçavam também. Todas elas estavam muito sujas e suas roupas rasgadas.

— Viu como valeu a pena? — ela disse, debochando de mim no caminho de casa.

— Vi. — Olhei para ela com tanta admiração que até me surpreendi. — A senhora não existe mesmo. Espero um dia conseguir fazer metade de tudo isso que você faz...

— Haverá um momento que vou depender de você! Não se esqueça de mim, hein? — disse ela sorrindo em minha direção.

— Como assim, vó? A senhora é tão independente que...

— Agora sou independente, mas não sabemos o dia de amanhã, minha querida — disse a sábia

PERIGOSAS NACIONAIS

senhora de sessenta e quatro anos.

PERIGOSAS ACHERON

“Como não podemos falar sobre família
Quando a família é tudo que nós temos?
Tudo o que passei
Você estava lá, ao meu lado.
Agora, você vai continuar
comigo para o último passeio.”

See you again – Wiz Khalifa

Clarisse se envolveu tanto com o velho livro que perdeu a noção do tempo, quase o leu até a metade. Ela o deixou em cima da televisão e foi acordar Dona Cameron.

A velhinha olhava preocupada para o teto.

— Olá dorminhoca...

— Quem é você? — disse ela, desconfiada.

Clarisse não sabia o que responder, mas tinha que

pensar rápido.

— Ah, sou uma velha amiga da senhora. Vim para visitá-la! Como vai, Cameron? — disse ela, ganhando confiança.

— Ah, mas é claro. Bem que seu rosto é familiar, claro que me lembro de você! Estava somente brincando, querida, não tem como se esquecer de uma pessoa tão boa quanto você! — disse a velhinha, sempre muito feliz apesar da insanidade.

— Muito obrigada. Preparei um café da tarde delicioso, está com fome?

— Não muito, acabei de comer agora pouco, mas não farei desfeita. — As duas se olharam com um largo sorriso.

A cuidadora respirou profundamente e levantou a senhorinha, colocando-a em sua cadeira de rodas.

Neste momento, Clarisse notou o odor de fezes que vinha da doce e delicada senhora. Ela precisava de um banho. Levou-a ao banheiro, levantando e a colocando na sua cadeira de banho. Em um piscar de olhos, o banheiro estava todo sujo.

— Ah não, Cameron... — disse Clarisse

preocupada com o que teria que fazer em seguida.

— Não fui eu que fiz isso, menina. Você me conhece muito bem e sabe que eu gosto das coisas limpas, nunca faria isso — disse ela, desmentindo a realidade.

— Eu sei. Agora temos dois trabalhos para realizar. O seu banho, pois está toda suja e limpar o banheiro. Sem preguiça, hein Cameron... — disse Clarisse, a fim de tranquilizar a velhinha.

Depois de muito tempo, tudo estava limpo e cheiroso como antes. O serviço não era tão fácil quanto imaginara, na realidade era muito difícil.

Imagine você, chegar ao ponto de não se lembrar de ir ao banheiro e fazer suas necessidades na calça, não se lembrar de ter comido ou bebido algo, esquecer-se de quem são seus filhos e os tratar como desconhecidos, isto é muito triste.

Apresento-lhes a catastrófica doença chamada Alzheimer.

—

Uma buzina alta ecoava na rua. A escuridão da

noite já havia aparecido. Clarisse e Dona Cameron se encontravam sentadas no sofá da sala vendo a novela.

— Boa noite. Finalmente cheguei. Como vai, mamãe? — disse Lourdes, com um olhar cansado.

— Muito bem. Há quanto tempo não vejo você! Sabe, a mãe dela é minha amiga. Nós nos conhecemos desde que íamos à escola — disse Cameron, olhando para Clarisse.

Lourdes ficou com o olhar muito triste com o que acabara de ouvir, pois a mãe não havia se lembrado dela, afastou-se e se sentou à sua frente.

— Como foi? Vocês se deram bem? — perguntou ela.

— Muito bem. Um pouquinho de sujeira no banheiro, mas nada demais — respondeu Clarisse.

— Espero que você não se importe por precisar limpar, isto sempre acontece... — Ela olhou para baixo envergonhada. — Mas, mesmo assim, ela continua sendo a minha mãezinha.

— Claro que não, Dona Lourdes. Entendo perfeitamente como é a situação. Ela é um amor de

pessoa, já brincamos, jantamos, conversamos... A propósito, a senhora já comeu?

— Ainda não, mas já estou indo para minha casa. Meu marido já deve ter chegado por lá... Só passei para ver como foi o dia. Em questão de receber, você já tem as informações, não é?

— Quem já jantou? Eu estou com muita fome... — disse Cameron.

— A senhora acabou de comer... — Clarisse tentou desmentir a senhorinha.

— Mais tarde a senhora come, mãe... Não se preocupe Clarisse, confio em você.

— Desculpe-me, eu já dei janta para ela, é que...

— Tudo bem, tudo bem... Não se preocupe com isto. — Ela se levantou e abraçou Cameron. — Tchau, mãe, amanhã cedo passo aqui para vê-la, está bem?

— Deus a abençoe, minha filha.

Alguns flashbacks, às vezes, surgiam na cabeça de Cameron Evans e ela se lembrava de pequenas partes de sua vida, na maioria das vezes, um passado bem antigo.

— Dona Lourdes, só mais uma coisa... Sei que é errado perguntar, mas eu preciso saber. Seu pai ainda está vivo? Desculpe-me, eu nunca deveria ter lhe perguntado isto... Mas é que... Dona Cameron sempre fala dele, então eu...

— Está tudo bem. — Ela riu do acontecido, já estava acostumada a ouvir a mãe sempre perguntando onde e que horas seu pai retornaria para casa, mas infelizmente isso nunca aconteceria. — Meu pai já se foi há algum tempo.

— Mil perdões, eu não meço as coisas que falo...

— Está tudo bem, Clarisse. Mamãe deve lhe perguntar o dia todo sobre ele, seus pais e outras coisas. Mas, infelizmente ele morreu mesmo. Antes mesmo de descobrirmos a doença dela. Acho que minha mãe pergunta tanto sobre ele porque nunca conseguiu superar e aceitar a perda. Faz parte. Às vezes me coloco no lugar dela. Isso faz a gente ter mais carinho e paciência, pois responder a mesma pergunta mil vezes, sem uma resposta lógica, é bem complicado.

—

Quando a velhinha já roncava alto, Clarisse pegou novamente o livro e começou a lê-lo mais uma vez. A curiosidade em saber quem o escrevera era tanta que não cabia em si mesma. Afinal, quem eram aquelas pessoas que participavam de tal história fascinante?!

“Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade!”

Harry Potter – J. K. Rowling

Hoje tivemos aula o dia todo. Nunca gostei muito de ir à escola porque não tenho muitos amigos. Somente uma, ela se chama Amanda. Não é a típica amiga da qual você pode contar tudo, pois se contar, já pode esperar que no dia seguinte o mundo todo estará ciente dos seus segredos.

Enquanto estava na escola, minha avó trabalhava limpando as casas de algumas pessoas bem-sucedidas. Cuidar de duas netas não era serviço muito fácil e o dinheiro, bem curto.

Eu e minha irmã trabalhávamos em um Café, bem perto de casa. Lúcia ficava no caixa e eu servia as mesas. O salário era pouco, mas ajudava nas nossas despesas.

Ao chegar em casa, avistei vovó sentada no sofá com um olhar muito triste. Logo me preocupei, pois

isto raramente acontecia, ou melhor, nunca acontecia.

— O que foi vovó? — perguntei, tentando descobrir o que tinha de errado.

— Deve ser por causa do trabalho, deixe a vovó descansando menina... — disse Lúcia, sempre arrogante.

— Aconteceu alguma coisa, vó? — insisti.

— Não é nada, meu amor, sua irmã tem razão.

— Se acontecer alguma coisa, promete que vai nos contar?

— Sempre... — Ela beijou minha testa carinhosamente.

E foi assim o começo de uma grande jornada.

—

Clarisse não entendera a última frase. O que essa pessoa queria dizer com “O começo de uma grande jornada”? Quem teria escrito aquele livro? Não possuía assinatura, o que o tornava misterioso. Seria um diário de algum parente de Dona Cameron ou simplesmente um livro fictício escrito

por alguma pessoa que contava a vida de uma senhora chamada Elizabeth?

Para responder a todas estas perguntas, Clarisse continuou lendo. Ela queria saber mais, queria conhecer a história dessa tal de Liz.

“Todos estamos matriculados
na escola da vida,
onde o mestre é o tempo.”

Cora Coralina

Nos dias que se seguiram, vovó continuou triste e abatida. Tentávamos de tudo e sua tristeza não se continha com nada. A situação ficou tão séria que até a Lú percebera que eu tinha razão o tempo todo. Para não chatear nossa avó, fingíamos que absolutamente nada estava errado, pois, sempre que perguntávamos o que ela tinha, vovó ficava nervosa conosco. Ela nunca perdera a paciência, o que fazia aquilo ser algo novo para mim.

Tudo mudou em tão pouco tempo, ela foi se isolando e dizendo ser uma ameaça para nós. Até que chegou o dia em que não pôde mais esconder a desgraça que a atormentava.

— Meninas, preciso muito falar com vocês... É um caso meio complicado e talvez não consigam

compreender. — Ela inspirou profundamente. — No início, achei que não dando importância passaria e seria uma simples coisa boba da minha cabeça. Mas preciso de ajuda. — Ela nos olhava tão triste que meu coração quase saltou do peito. — Nos últimos dias, eu estou esquecendo as coisas. Não simplesmente esquecendo, mas é como se fosse um branco que me atinge e depois vai embora. Esqueço o nome dos meus objetos mais pessoais que utilizo na minha vida. Para vocês terem noção, minha patroa me pediu para pegar sua bolsa e eu não me lembrava o que era esse objeto... Às vezes no serviço vou a algum quarto para limpá-lo e, quando chego lá, não me lembro o que eu ia fazer... Até aí já estava me apavorando, achei que fosse impressão minha, ou coisa parecida, ou até mesmo por conta da idade, mas a situação se agravou mesmo quando eu me perdi. Estava indo trabalhar e, como de costume, peguei o ônibus que fica há uns dois quarteirões daqui de casa, no meio do caminho, esses "brancos" me atingiram e eu não fazia a menor ideia de onde estava. Um grande desespero tomou conta de mim, eu não sabia o que fazer nem como agir. Até que uma moça viu toda a

situação e me ajudou. Aos poucos, o caminho do trabalho foi voltando à minha cabeça...

Em meio ao seu relato, um forte choro tomou conta da minha amada avó, eu a abracei tão forte como se fosse primeira vez que nos víamos em tempos; fosse o que fosse eu estaria sempre ali.

— Será que é só velhice? — disse minha sábia vó.

— A gente vai levá-la ao médico, vovó. Temos umas economias guardadas e esse é o caso de usá-las. Não é, Lúcia?

— Sim. Claro... — Minha irmã estava com um olhar apreensivo, parecia não dar a mínima para a situação. Afinal, o que Lúcia tinha hoje, ou nesses dias?

“Sentimos saudade de certos momentos
da nossa vida e de certos momentos
de pessoas que passaram por ela.”

Carlos Drummond de Andrade

Depois de dias na espera e a expectativa para saber o que minha avó tinha, finalmente conseguimos marcar um médico para ela.

— Dona Elizabeth — chamou a secretária do consultório, que até pouco tempo estava vazio e foi lotando em minutos. Achamos melhor levar vovó em um médico de cabeça, podia ser grave. Eu como sempre estava acompanhando-a; Lúcia não quis ir, como disse antes, ela não estava dando a mínima.

Entramos em uma ampla sala branca com somente o doutor presente nela. Um velhinho robusto nos esperava.

— Bom dia, senhora Elizabeth. Bom dia,

senhorita. Meu nome é Augusto e serei seu médico. Li sua ficha. Anda se esquecendo de algumas coisas, nomes, palavras, até mesmo caminhos diários e se perde, estou certo disto?

— Sim, senhor. O senhor acha que pode ser grave? Tenho duas meninas para cuidar ainda...

— Vó, a gente se vira. Ninguém aqui é mais criancinha.
A senhora vem em primeiro lugar agora — disse eu, nervosa.

— Sinceramente, não tem como eu fazer um diagnóstico de cara. Pode ser coisa séria? Pode. Pode não ser? Pode também. Precisaremos fazer alguns exames, como de sangue e tomografias da cabeça. — O médico fez cara de observador, eu não entendia o motivo, seria tão sério assim ou somente seria a idade que estava avançando? — Estou pensando em algumas possibilidades, mas deve ser impossível... Veremos os exames, marquem o mais rápido possível, por favor.

— Está bem... — disse minha avó tentando não chorar na sala do médico.

Semanas se passaram, enquanto ela fazia todos

os exames pedidos. Agora era só esperar a resposta médica.

— Dona Elizabeth, pode entrar — disse a secretária fazendo-nos estremecer.

Segurei nas mãos da minha avó e disse sinceramente:

— Não será nada e se for estarei aqui com você! Até a
eternidade...

— Até a eternidade... — repetiu ela, sentindo-se confiante, todavia seu olhar não dizia o mesmo.

— Olhei todos os seus exames e não encontrei nada, não há nada aqui, senhora Elizabeth...

Não acreditei muito no que o médico disse, quando ele percebeu que eu o estava encarando, desviou o olhar. Algo não cheirava bem, eu pressenti.

— Graças a Deus! — exclamou Dona Liz, toda alegre. — Que medo que eu estava doutor. Isto estava me matando por dentro, você não tem noção.

— Imagino... Posso falar com a sua neta a sós

um segundo? Logo a devolvo.

— Ah... Sim, certamente — disse ela, desconfiada.

— Pode dizer, doutor, eu já percebi que tem algo errado com minha avó. — Ele não poderia me enganar, não mesmo!

— Realmente, tem. Aparentemente, ela não tem nada mesmo. Todos os exames estão perfeitos para sua idade.

— E...?

— E clinicamente sua avó está saudável para a idade. Porém, seus sintomas estão apontando para uma nova doença. Muito pouco conhecida, mas já existem casos que a confirmam. Chama-se Alzheimer. Não há cura, somente remédios que estimulam os neurônios, que no caso, a doença os matam aos poucos. — Ele respirou fundo. — O remédio ajuda a... — Ele parou mais uma vez. — Meu Deus, como explicar isso a uma adolescente? Peço perdão, mas o caso é complicado de se entender.

— Por que o senhor está contando isso somente a mim e não a ela?

— Pois é mais que comprovado que ela esteja passando pela primeira fase do Alzheimer. Você é a única família dela? Não existe outro adulto responsável?

— Tem a minha irmã de dezessete anos, que não está dando importância a nada. Meus pais morreram quando eu ainda era pequena... Digamos que seja eu que tenho mais contato com vovó.

— Pois dê importância você então. Sei que talvez eu não devesse estar colocando uma adolescente feito você em tal situação, é que não tenho aonde recorrer, este é o meu primeiro caso dessa doença... — disse ele, pensativo.

De fato, eu estava com muito medo e começando a questionar certos pontos da minha vida e do mundo. Por quê?

— Irá cuidar da sua avó se for preciso?

— Claro que sim, doutor. Ela sempre cuidou tão bem de nós, como poderia abandoná-la?

— Cuidará mesmo que isto exclua sua vida social, trabalho e amigos? Assim que começa a

cuidar de um idoso deve saber que não existirá mais nada disso.

— Cada pergunta estranha... Primeiro de tudo, não sei o que é Alzheimer. Segundo, se minha avó só ficar se esquecendo de coisinhas, por que ela necessitará tanto de ajuda? Por que está me dizendo tudo isto? Estou perdida — disse, apertando os dentes de tanto nervoso contido.

— Ela não somente se esquecerá de algumas coisinhas, ela se esquecerá da sua existência, de quem você foi, é e será na vida dela... Resumindo, ela olhará para você e se perguntará: "Quem é essa jovem ao meu redor?". Ou até mesmo, se esquecerá que precisa ir ao banheiro, de como se formam frases, pois as palavras chegarão à sua cabeça e ela não conseguirá dizer absolutamente nada. Tem noção do quão difícil é olhar para uma pessoa tão amada, a qual passaram tantos momentos juntos, talvez felizes e talvez tristes, mas juntos e saber que você não faz mais parte de uma lembrança familiar, uma lembrança feliz. Você fará parte de uma lembrança que nunca existiu para ela, uma lembrança que nunca foi vivida.

— Pare, por favor... — pedi aos prantos. Cada lágrima em meu rosto não chegava perto do que o meu coração sentia; passamos tantos momentos juntas que não sei como seria dali para frente. Ela não me amaria mais, nunca mais, pois eu não teria existido em sua mente.

— Sei que você é pequena, mas ela precisa de muita ajuda. Se eu contar para alguém o fato, como é menor de idade, eles atirarão você em um abrigo e nunca mais poderá ver sua família. Sua avó seria internada sem carinho e ficaria abandonada e esquecida. Não quero isto para vocês. Este é o meu primeiro caso de Alzheimer e durante esses dias tentei me adentrar no assunto e vi que é mais difícil do que parece. Somente quem vive esse ciclo sabe o quanto dói em todos.

— Tenho apenas catorze anos doutor, o que preciso fazer? — eu disse soluçando.

Fui surpreendida por um abraço do médico. Ele disse calmamente:

— Ela não se lembrará de você, mas você se lembrará dela! O Alzheimer faz com que as pessoas deixem de existir na mente de quem tem a

doença, mas eles reconhecem muito bem quem os trata com amor. Seja amor. Espalhe amor. Crie amor. E acima de tudo, acima de qualquer dificuldade: Ame! Pois, almas iluminadas, nem a eternidade conseguirá apagá-las.

Ele me deu um guia de como cuidar de pessoas com Alzheimer e alguns remédios que conseguiu pegar para mim sem que eu pagasse nada, pois eram caríssimos e não tínhamos condição alguma de comprá-los; eu os guardei em minha bolsa para que ela não os visse. Combinamos de não contar nada para ela, somente falar que ela tinha um "pequeno retardo" na cabeça, onde não poderia mais trabalhar e necessitaria de ajuda em casa.

— Ainda não entendi direito esse negócio não... Por que ele não me contou sobre isso? — disse ela, já caminhando para pegarmos o ônibus.

— Ah, vovó, ele disse que não queria falar diretamente, pois a senhora não entenderia. Como sou mais nova, tenho a mente mais aberta para essas coisas de remédios e tal. Fique tranquila, tudo dará certo. Eu cuidarei de você... — Sim, eu estava falando com todo o meu coração.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“Meus ontens estão desaparecendo
e meus amanhãs são incertos.
Então, para que eu vivo?
Vivo para cada dia. Vivo o presente...
Esquecerei o hoje, mas isso não
significa que o hoje não tem
importância.”

Para sempre Alice – Lisa Genova

Ao chegarmos em casa, vovó foi se deitar, pois estava cansada de tantas coisas que aconteceram hoje.

Minha cabeça fermentava tanto que a enxaqueca logo atacou. Como iríamos sobreviver? Quem visitaria os doentes nos hospitais? Como pagaríamos pelos remédios do Alzheimer? Daríamos conta de cuidarmos dela? Perguntas e mais perguntas estavam me atormentando...

Finalmente Lúcia chegou. Ela estava fazendo um

trabalho na casa de uma amiga. Olhou para o meu rosto desesperado, sentou-se na cama e nada disse.

— Não vai me perguntar nada? — falei, muito nervosa com a atitude dela.

— E aí? O que deu? — Lú expressava um olhar estressado. Ela andava muito diferente, um diferente nada bom.

— Vovó, pelo diagnóstico, não tem nada, mas o médico desconfia que é uma doença chamada Alzheimer. Ela não aparece em exames, mas os sinais da doença são perceptíveis por meio das atitudes da pessoa. Como no caso da vovó Liz. Sabe o que é esta doença?

— Sei...

— É muito sério o caso, Lúcia, mas parece que você não está se importando com nada. O que você tem, hein?

— Sabe o que é? Eu odeio esta vida, esta pobreza, esta casa, odeio tudo isto... Vou embora daqui. E não estou mesmo dando a mínima para o que a velha tem. Nem cuidar da gente direito ela sabe. Como disse antes, vou embora e é para sempre.

— O quê? Como pode fazer isto conosco? Continuamos sendo sua família, querendo ou não.

— Não a culpo pela situação que estamos passando, na realidade, você está no mesmo barco que eu. Se quiser vir comigo... Não precisamos necessariamente abandonar nossa avó, simplesmente vamos deixá-la em algum lar para idoso e podemos visitá-la alguns dias.

— Eu nunca faria isto com ela Lúcia! Você não consegue ver com clareza as coisas que está dizendo, só pode... — Não consigo acreditar nas palavras da minha irmã. — Você vai embora sozinha?

— Não aguento mais viver sob as ordens dela. Trabalhar naquele Café idiota só me dá canseira, porque dinheiro não vejo algum. Sempre ficou perdendo seu tempo ajudando os outros que mal conhecia e a vida lhe presenteou com uma doença como esta. E respondendo a sua pergunta insignificante, não irei sozinha, vou embora com Tyler, a única pessoa a qual se importa realmente comigo.

— Quem é Tyler?

— Não interessa.

— Mamãe e papai iriam querer isso para a gente? — perguntei com os olhos cheios de lágrimas.

Lúcia, que antes arrumava suas coisas e as colocava em malas, parou pensativa com o que eu acabara de dizer. Ela havia conhecido bem os meus pais e, nesse tempo, construíram um forte laço de amor, fazendo com que ela sentisse mais a falta deles do que eu, que infelizmente não tive tempo suficiente para isto.

— Você mal os conheceu. Não diga coisas que não sabe. A vida já nos deu a partida deles e agora uma velha caduca. Ainda sou jovem, vou viver a minha vida em vez de ficar cuidando dela. Adeus e até qualquer dia. Ah, sobre o custo de tudo, mando algum dinheiro a você para os remédios, sei que são caros. Qualquer dia desses apareço por aqui...

— Onde você está indo, querida? — perguntou vovó, ao entrar na sala.

— Vou viver a minha vida, vó. Obrigada por tudo e se cuidem.

— Você não pod... — Porém ela já havia saído e

batido a porta em nossa cara. Minha avó para no meio da frase e respira profundamente. — O que faremos?

— Seguiremos a nossa vida... — eu disse.

“—E se eu tiver Alzheimer
e me esquecer de você...
—Eu vou lembrar-lhe quem
eu sou, todos os dias.”

Grey´s Anatomy – Shonda Rhimes

Ela não tem mais condições, senhora. Agradeço eternamente sua ajuda para conosco — eu disse, tentando me fazer de corajosa. Tinha chegado o momento de enxugar as lágrimas e começar a agir...

— Eu e meu marido gostamos muito da Liz e do trabalho que fazia aqui em casa, vivemos basicamente a vida toda juntas. Mesmo que ela não trabalhe mais aqui, peço que você venha sempre na quinta-feira da última semana do mês para que eu ajude a pagar os remédios, pois sei que custam um preço absurdo.

Eu não sabia o que responder nesse momento, precisava aceitar o dinheiro, contudo, é muito

difícil saber que você necessita da ajuda de outras pessoas.

— Obrigada, eu terei que aceitar. Realmente, não sei o que vamos fazer em relação a isso. Perdoe-me por ter que pegar o seu dinheiro...

— Ah, minha querida, levante já essa cabecinha! Jesus está em seu coração, não foi o que sua avó a fez acreditar? — Balancei a cabeça ligeiramente em afirmação. — Então! Ele vive em cada um de nós. Em Deus tudo posso, em Deus tudo tenho e Nele nada me falta. Se precisar de mais alguma coisa é só me ligar.

— Obrigada mais uma vez.

Enquanto me dirigia ao ponto de ônibus, matutava muitas coisas. Desde que descobri a doença da minha vó, nunca mais a deixei sozinha. Para que eu fosse à casa da Dona Miranda, sua patroa, tive que a deixar trancada em casa. Era a primeira vez que ela ficava sozinha depois do diagnóstico e o medo culminava dentro de mim, precisava voltar logo. Nosso cotidiano mudará ainda mais a partir de hoje.

A minha mente não estava somente pensando

nestas coisas. Eram importantes e precisavam ser pensadas? Sim, é claro. Todavia, uma questão não saía da minha cabeça desde o momento em que estivemos no consultório médico naquele dia.

"Onde está Deus neste momento?"

Tentava me manter firme e não apelar para as coisas somente do mundo; tentava fingir que essa pergunta não existia na minha vida, mas infelizmente ela existia.

Eu me dei conta de que não era mais a mesma, quando Dona Miranda me disse aquilo e meu coração se fechou por inteiro. Onde estava a minha fé? Será que sempre fui uma pessoa fraca de fé? Onde estava Deus? Tanta tristeza e responsabilidade para uma garota jovem feito eu.

Será que valeu a pena todo aquele tempo espalhando bondade e sorrisos pelo mundo para receber somente tristezas e choro? Por que a minha avó? Por que acontecem coisas ruins com pessoas boas e não com as pessoas más?

Onde está Você? Você realmente existe?

São várias perguntas, não é mesmo? Se algum dia você já teve, ou anda tendo pensamentos como

estes, saiba que acaba de ser comprovado, que sim, você é humano!

Nós somos um ser peculiar, que em meio aos problemas buscamos refúgio nestas malditas perguntas. Eu, como humana, as fiz por um longo tempo. Mas para Ele, ninguém realmente está perdido. Quando se tem um problema e você se questiona não significa que perdeu a fé, mas sim que a mantém armazenada dentro de si. E como a fé existe, sinais dela também existem e nos cercam o tempo todo, mesmo que não percebamos.

"Em Deus tudo posso, em Deus tudo tenho e Nele nada me falta."

Até aquele momento eu achava que não acreditava em mais nada. Pensei que se Deus realmente existisse não deixaria acontecer uma coisa tão grave a uma pessoa tão boa como vovó. Se tal coisa acontecesse comigo eu não ligaria tanto, pois como já havia falado, nunca fiz absolutamente nada para as pessoas serem boas e nem para um mundo mais justo.

Ao chegar em casa, coloquei a chave na porta com dor no coração. Será que ela ainda estaria lá?

— Vovó? Cadê a senhora? — chamei, já desesperada, pois ela não estava em lugar algum.

— Filha, venha aqui — disse uma voz fininha vinda do banheiro.

— Ufa! — Pensei alto, ela ainda estava em casa, enxugo o suor que já estava escorrendo.

Ela estava caída no banheiro, coberta de sangue.

— Vó, o que aconteceu aqui? Precisamos ir urgente ao hospital. Ah... O que eu faço?! — Nem imagine o que eu sentia no momento.

— Eu fui catar o macarrão para o George, porque já está entardecendo e ele gosta de macarrão quentinho.

— George? Vó, o vovô já morreu faz tempo. Antes até de eu nascer. Eu sou sua neta, lembra? Ele já morreu, entendeu? — A doença já estava progredindo.

— Claro que eu sei que meu marido morreu. Lembro-me muito bem da morte dele, Deus o tenha. Eu não quis dizer George àquela hora meu bem, eu quis dizer... Quis... Ah sim, claro, estava procurando na minha cabecinha o seu nome e eu devo ter trocado. Só isso, esquece. Enfim, eu fui

pegar algo e acabei caindo. Fiz um corte aqui na perna, nada demais.

Não vivia mais uma senhorinha em minha casa, mas sim uma criança malandra.

— Vou fazer a janta, fique sentadinha com as pernas para cima aqui do meu lado. Vou cuidar da senhora! — eu disse. Sentia muita pena do que ela estava passando. Estava se lembrando de coisas muito antigas. Chegará um momento em que ela acreditará que o meu avô está vivo e não conseguirá desmentir sua insanidade como desmentiu hoje.

“E a saudade, cada vez mais vai aumentando. A nossa casa já não é mais a mesma com a sua ausência.”

Quanta saudade – Discriminados

Hoje precisei fazer algo muito importante, acordei cedo e segui para o Café onde trabalho.

— Senhor Parker, preciso falar urgente com o senhor. É sobre meu emprego... — Eu estava angustiada, porém tinha um plano. Melhor do que nada.

— Oh, minha querida... Desse jeito você está me assustando. Você foi e ainda é a funcionária mais nova e mais competente de todo o nosso Café. Não quer ir embora daqui, não né? Não vai me deixar na mão assim...

— Não, senhor... Mas creio que me mandará embora hoje. — Ele arregalou os olhos não entendendo nada.

Eu expliquei a ele toda a situação, detalhe por detalhe. De como minha irmã estava diferente e foi embora com seu determinado "namorado", acreditava eu que era seu namorado e sobre a doença da minha avó

— Se eu continuar trabalhando aqui, vou ter que deixá-la sozinha. Não posso fazer isto. Eu a deixei sozinha um dia e já não deu muito certo, apesar de eu ter escondido as coisas perigosas e ter trancado todas as portas e janelas, ela acabou se machucando. Não tenho onde a deixar, entende, senhor Parker? Por isso acho que o senhor vai me demitir. Mas antes preciso lhe pedir um simples favor.

— Pode falar, minha jovem. — O baixinho orelhudo ficou encarando-me, interessado no assunto.

— Eu... — Respirei tentando recuperar o fôlego. — Eu queria trazer minha avó aqui no serviço. É pouco tempo e ela não daria trabalho algum, ficaria sentadinha bem ali e eu trabalhando normalmente.

O olhar de senhor Parker não era identificado,

pois estava sem expressão alguma a meu ver.

— Claro que deixo. Que mal há nisso, afinal? — disse ele. — Querida, quero que pegue esse dinheiro para ajudar nas despesas e tudo o que precisar. Aceite por favor... — Ele arranca do seu bolso uma grande quantidade de notas.

— Nem sei como agradecê-lo... Muito, muito, muito obrigada! O senhor é como um pai que eu não tive. — Os olhos do gorducho se encheram de lágrimas com a minha declaração.

“Por que você se foi assim
Não deu pra entender
É tão difícil aceitar
Perder eu sei
Por que a vida
Tem que ser assim,
Por quê?”

Por Que Você Se Foi? – Catedral

E assim foi a primeira fase da tão grave doença chamada Alzheimer. Quando eu vou à escola, minha vó ficava na casa da vizinha, que era aposentada, as duas se davam muito bem.

Quando eu chego da escola, vamos para o meu trabalho, onde minha vozinha fica sentada assistindo televisão junto aos clientes e fazendo novos amigos, enquanto eu trabalho, é claro. Quando chegamos em casa, ela se deita pois já está cansada e eu faço toda a comida e os serviços.

Quanto aos remédios, a ajuda que a antiga patroa da vovó e a grana do senhor Parker estão ajudando muito, porém eles são caros demais, fazendo com que falte um pouco de dinheiro. Com isso, aos sábados, em minha casa mesmo, eu uso todo o meu tempo livre e me dedico em ser manicure. Parece que não, mas o dinheiro das clientes ajuda bastante na hora de comprar comida.

Dias e meses se passaram e nada mudou, inclusive minha irmã, nenhum sinal dela desde que decidiu sair pela porta da frente. Espero que esteja realizada com sua atitude magnífica de abandonar a irmã de catorze anos com a avó doente e pobre.

Ah, e sobre minha avó, ela continua na mesma, esquecendo-se de algumas palavras, de coisas materiais, de pessoas, inclusive de mim, que em diversos momentos tenho a impressão de que me olha com amor, porém não faz a menor ideia de quem eu sou. Mas esta é só a primeira fase, então não é tão grave ainda.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“A saudade é uma tatuagem na alma: só nos livramos dela perdendo um pedaço de nós.”

O outro pé da sereia - Mia Couto

Tudo mudou em uma manhã nublada de sábado.

— Vó, chega de preguiça, vamos levantar.

— Quem está aí? — disse a esquecidinha.

— Sou eu preguiçosa, sua neta, filha da sua filha que morreu em um acidente de carro com o marido, que a senhora cuida desde que nasceu, lembrou?

— Ah sim, claro — mentiu. — Desculpe-me, filha.

— Que cheiro é esse, vovó? Meu Deus do céu, que cheiro horrível.

— Jura? Não sinto nada.

— Vish, levante-se que deve ser a senhora.

— Pare de tolices menina. Eu nunca faria uma

coisa dessas, gosto das coisas certas, das coisas justas.

Ao se levantar, pude perceber a roda molhada em sua cama e toda a sujeira grudada em sua calça.

— Está bem, deve ter sido algum menino malvado que fez isso, não acha?

— Com certeza, essas pestes de hoje em dia...

— Vamos tomar um banho. Não precisa ter vergonha, está bem? Sou sua neta e sou mulher, então vamos logo, depressa... — Tentei acalmá-la, mas ela estava mais pirada do que o normal.

Depois de lhe dar um banho e o café da manhã, ela soltou a pergunta que não queria calar nunca. De uns tempos para cá, não adiantava mais desmentir sua insanidade, pois quem parecia a doida era eu.

— Onde está George?

— Trabalhando. — Menti, pois a verdade causava uma danada confusão e o clima pesava. Ultimamente Dona Liz se estressava fácil.

— Trabalhando? Ah, claro. Ele deve estar

colhendo café, precisamos trabalhar muito, pois temos uma filha ainda pequena. Menina, onde está sua mãe? Faz bastante tempo que não a vejo...

Concluí então que sua cabeça não estava pensando em mais nada. Seu marido já havia morrido há anos e ela não tinha uma filha pequena. De fato, não se lembrava que minha mãe já tinha morrido. Suas frases não tinham mais nada a serem salvas.

— Minha mãe... — disse triste, pois a pessoa a qual eu mais amava não se lembrava de mim. O momento em que tanto temia chegou.

“É bem verdade
Que a tragédia infinita é a Saudade!
Que a tragédia infinita é Nunca Mais!”

Livro de mágoas – Florbela Espanca

Eu não significava mais nada para ela. Queria que minha mãe estivesse aqui, ela saberia o que fazer e como fazer. Deve ser bom ter uma mãe para todas as horas, apesar de admirar muito minha avó como mãe.

Percebi também que meu papel nesta terra não era somente ser uma simples neta cuidando de sua avó doente. Mas, sim, de uma neta fazendo o possível e impossível para se tornar o que um dia ela foi para mim: uma mãe.

— Minha mãe foi para o trabalho. É meio longinho daqui, mas tenho certeza que de lá ela sabe o que estamos passando.

Depois de tudo o que já havia acontecido, em uma manhã normal de sábado, para alguns,

porque para quem tem uma pessoa com Alzheimer, seu dia não se torna nunca mais normal, e sim cheio de surpresas não agradáveis, comecei a limpar o quarto da vovó Liz, estava cheio de urina e fezes por toda parte.

A princípio, o cheiro é desagradável e é um grande castigo ter que limpar isso, mas depois se torna algo tão comum, que eu o passo de um estágio de horrível para menos pior.

Nesse sábado eu não tinha nenhuma cliente, então nos sentamos na sala enquanto a tarde caía e o sol se punha.

— Escute, eu preciso ir embora... — disse ela com um olhar preocupante.

— Embora? Para onde a senhora quer ir? Moramos aqui...

— A gente? Aqui? Você é louca, garota. Preciso ir embora. Como eu faço para chegar à minha casa, você sabe?

— Ah... — Eu pensei, pensei e não sabia o que lhe dizer. — Claro que sei, mais tarde eu a levo.

— Eu e você, não é? Não vamos andar sozinhas,

porque é perigoso. — Alguns minutos se passam e a cabeça dela não parava de pensar sobre isso. — E então, a gente vai agora mesmo?

— Não, mais tarde.

— Garota, você quer me matar? Eu preciso ir agora, neste exato momento. Minha filha pequena está lá e precisa de mim. Por favor, tenha piedade.

— Fique calma, vovó — eu disse.

— Ficar calma? Você está querendo me matar, isso sim. Não preciso de você. Posso ir embora sozinha.

O que era uma simples flor cheia de pétalas se tornou somente espinhos. O que ela tinha? Estava agressiva pela primeira vez na vida. Não sabia o que fazer, todas as portas e as janelas estavam trancadas, ou seja, vivemos trancafiadas nesta casa.

Ela andava em círculos e se abanava, estava muito desesperada. Até que começou a gritar.

— Socorro! Essa estranha quer me matar! Ela me trancou aqui, preciso de ajuda! Socorro!

Respire, ela é sua avó. Ela pode estar doida, mas

ainda é sua avó! Acalme-se, respire, você a ama, mesmo ela não fazendo ideia de quem você seja.

— Vó, acalme-se. Estamos na mesma situação, também me trancaram aqui. Mas, precisamos esperar as chaves chegarem para irmos embora. Minha mãe está vindo para abrir a porta para nós. Logo ela chega.

— Ela demora?

— Não, daqui a pouco ela chega.

Alguns minutos se passam e ela me perguntou pela centésima vez a mesma coisa. "A gente vai logo embora, não é?" Calmamente eu teria que responder mais uma vez: "Sim, logo iremos".

Ao anoitecer, percebi uma grande melhora nela, não estava mais agressiva, conversava, ria e brincávamos muito. Minha cabeça voltou no tempo e me lembrei do médico falando alguma coisa sobre uma tal de Síndrome do Pôr do Sol. Deve ser essa tal síndrome que passamos, pois foi somente ao pôr do sol que aconteceu.

O índice de não se lembrar de ir ao banheiro aumentou muito e não estávamos dando conta de segurar esse fato. Passei na farmácia, onde

comprava os remédios da vovó para ver o preço das fraldas para idosos. Fiquei assustada com o valor. Um absurdo! Nossas despesas eram muito altas, tínhamos que gastar com comida, remédios, em casa.

Apesar de receber muita ajuda da antiga patroa da vovó e do senhor Parker e de trabalhar no Café e como manicure, eu e a velhinha passávamos apertadíssimo. Não sei o que farei.

“Hoje não te posso tocar.
A melodia da tua voz, o perfume da tua pele
e o abraço suave dos teus beijos são,
neste momento, apenas pedaços soltos que a
imaginação produz na minha memória.”

Pilar – José Luis Nunes Martins

Menina! Menina, acorde! — gritava a escandalosa professora de geografia — Já sabe que tem dificuldade na matéria, tenha consideração e preste mais atenção, ou será reprovada...

Fui acordada aos berros naquele dia, não era a primeira manhã que adormecia em plena sala de aula. Vovó Liz não estava dormindo direito, pois sua sede de voltar ao passado era maior que tudo.

Se ela estava acordada, eu também teria que estar e quando se está acordado durante a noite é que percebemos o quão longa ela é.

A canseira e o trabalho eram tanto que me faziam ser uma pessoa mais quieta, com muito sono e atordoada com os problemas que já se tornavam coisas do meu dia a dia e os que estavam chegando aos poucos.

Quando finalmente tocou o sinal indicando o intervalo e todos já se dirigiam ao pátio, a professora me chamou em particular, no fundo da sala.

— Você está bem, querida? — Sempre notei o seu olhar de pena em minha direção, deve ser por causa da morte dos meus pais.

— Está sim, senhora. Desculpe-me por hoje e por todos os outros dias dormindo em sua aula, são noites mal dormidas, sabe?!

— Tem certeza? Parece estar com problemas em casa...

— Não é nada importante — menti —, alguns probleminhas todo mundo tem...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“É preciso amar as pessoas
como se não houvesse amanhã,
porque se você parar para
pensar, na verdade não há.”

Pais e filhos – Renato Russo

Há muitos dias não tenho contato com a Amanda, pois meus únicos pensamentos incluem minha amada avó e seu bem-estar.

Quando já estava voltando para minha sala, senti algo levemente me puxando.

— Amiga, você está bem? Parece tão cansada. Nem estamos nos falando mais, fiquei preocupada... — disse ela, parecendo estar bem triste.

Ainda não tinha contado para ela a nossa situação, decidi que já estava na hora de lhe dizer a verdade, então comecei a contar tudo o que estava acontecendo.

Quanto mais eu falava, mais ela fazia cara de

assustada.

— Pode deixar que guardo o seu segredo.

— Não é bem um segredo. O médico achou melhor eu ficar mais quieta. O motivo disso? Caso a associação saiba, vou direto para algum orfanato e minha avó para algum asilo, pois sou menor de idade e ela não tem condições de "cuidar" de mim. Lá ela não será tratada com tanto carinho e amor como em casa. Por favor, não diga nada a ninguém. Eu lhe contei porque confio em você, entendeu?

— Claro que sim, fique tranquila.

Na saída, todos me olhavam com cara de pena. Eu tinha certeza que Amanda falara para todos ao meu redor. O que vou fazer agora?

— Senhorita... — disse a diretora, Helena. — Posso falar um minuto com você?

— Ah, estou com um pouco de pressa, há pessoas que estão me aguardando, por isso preciso que seja bem rápido.

— Acompanhe-me até à minha sala — disse a diretora.

Eu respirava muito rápido, com medo. Aquele maldito momento em que fui confiar em uma pessoa que dizia ser minha amiga.

— Sente-se, por favor. Pedi para que você me acompanhasse até aqui em busca de que pudesse afirmar ou negar um fato que sua amiga me contou.

— Já sei do que se trata. Na verdade, imagino o que seja...

— Pois bem, o que me diz? — Ela olhava no fundo dos meus olhos com aqueles grandes óculos que quase lhe tapavam a cara toda.

— Sim, senhora. Minha avó está realmente doente... — Nossa conversa durou em torno de vinte minutos e ela prometeu guardar segredo para que nenhum mal ocorresse a mim e a minha avó. Admirei a sua atitude, pois outros, em seu lugar não fariam o mesmo.

Sobre eu ter ficado com raiva da Amanda, certas vezes não enxergamos o que o outro faz para nos ajudar e criticamos. Mas mesmo minha amiga tendo errado, não posso ficar com raiva dela, pelo contrário, devo sentir-me grata, pois falar e me

abrir com Dona Helena me fez muito bem, seus conselhos foram muito úteis.

Corri bastante para chegar à casa da vizinha, porque já estava atrasada. No caminho, passei em frente ao hospital onde eu e vovó Liz íamos para alegrar as pessoas que estavam tristes. Víamos o sentido bom da vida nessa época, mal podia crer que eu precisaria dessa ajuda para dar ao menos um sorriso no dia.

Ela me esperava sentadinha, no mesmo lugar, todos os dias, em uma poltrona cinza bem velha.

— Vó, a senhora está com dificuldade para andar? — perguntei-lhe, enquanto atravessávamos a rua da casa da vizinha para a nossa. Ela estava ofegante e muito lenta.

— Não, é só dor nas pernas mesmo.

Não posso lhe dizer que já estávamos na terceira fase do cruel Alzheimer, talvez no começo dela. Vovó Liz já havia parado de ter crises da Síndrome do Pôr do Sol e de falar de meu avô e da minha mãe. Não se recordava nem de quem ela mesma era, fora os casos de não se lembrar de ir ao banheiro e agora não conseguir andar direito.

O tempo está passando cada vez mais, já faz anos desde o diagnóstico e tudo só piora.

Sobre minha fé? Nunca mais tive, mas foi nessa época que o meu fim teve um começo...

“Quem irá cuidar de você, se o seu corpo estiver aqui e você partir [...]
Para o mundo você pode ser uma pessoa,
mas para uma pessoa o mundo é você.”

Poesia: Mal de Alzheimer – Marco Casagrande

Preciso de ajuda... A senhora poderia ir até a prefeitura e ver se há uma cadeira de rodas para doar para minha vozinha? Não posso ir porque sou menor de idade e não tenho alguém da família que faça isso por mim... — eu disse para a diretora.

— Ela está pior? — perguntou-me, preocupada.

— Está sim, mal se movimenta, na verdade, mal sai da cama, não consegue se alimentar sozinha e às vezes se afoga. Liguei para o médico e ele me disse que a coordenação da língua já está ficando fraca. Se piorar, teremos que por sonda alimentar...

Se vovó estava ruim, eu estava também. Grande parte da minha vida só existia graças a ela.

— Você não deve estar nada bem...

— Não estou há muito tempo... Três anos levando essa vida. Acho que cheguei ao fim, acho que ela chegou ao fim.

— Tenha fé! Deus pode fazer tudo.

— Não acredito em Deus — afirmei sem recuar. Ela me observou e nada disse.

No dia seguinte, Dona Helena apareceu em minha casa com a cadeira de rodas; logo, ajudou-me a colocar a vovó sentada nela. A velhinha de cabelos brancos era bem pesada.

“Esquecer é uma necessidade.
A vida é uma lousa, em que o destino,
para escrever um novo caso,
precisa de apagar o caso escrito.”

Machado de Assis

Enquanto voltava para casa, tinha ido pegar as fraldas (esqueci de mencionar que o dono da farmácia ofereceu um belo desconto, pois havia entendido minha situação), trombei com uma mulher que corria muito, caí no chão, mas não me machuquei, as fraldas que eu segurava se espalharam por todo lado. Ela se levantou e começou a correr mais rápido ainda, deixando para trás eu e sua bolsa, caídas no chão.

Peguei a bolsa, esperei e ela não voltou para buscá-la. Então continuei o meu caminho, levando um objeto diferente para casa.

A velhinha roncava alto quando cheguei, então decidi dar uma olhada na bolsa abandonada.

Maquiagem, uma carteira vazia e um simples papel. Ao abri-lo, percebi que era antigo e todas as linhas da parte frontal estavam grifadas com caneta.

"Talvez eu entenda o que está sentindo neste momento. Tristeza, angústia, desânimo, enfim, tudo o que não queria sentir. Perguntas lhe sobem pela cabeça e você perde a fé. Quem sou eu? Não importa, talvez eu seja um desocupado que esteja passando por milhões de situações desimportantes na vida e, em vez de ficar pensando nelas, está escrevendo esta carta tola, que não darão a mínima para o que nela contêm: 'humanidade'. É isso que você é! Humano. Todavia, ao

nascer, o ser humano vai desenvolvendo com o tempo a ignorância e se esquece de seu Pai, Aquele que não o abandona, que o salva e que o dá motivação. Quantas pessoas entraram em sua vida e se aprofundaram juntamente a você nesta caminhada? Seriam elas por acaso? Não. Tudo que acontece tem o seu propósito, até mesmo as pessoas. Até mesmo você. Aceite-se do jeito que é e, por cima de tudo, enxergue o lado bom das dificuldades, com elas você poderá aumentar o seu conhecimento. Afinal, se as rosas não tivessem espinhos, elas continuariam se chamando rosas?".

Após ler estas palavras, comecei a calcular os anos passados e as pessoas. Se vovó não tivesse dado duro no trabalho e se perdesse no caminho, nunca saberíamos que ela tinha Alzheimer, ou quando descobríssemos já estaria muito avançado não podendo fazer nada; se não ficássemos esperando horas na fila do médico nunca teríamos conhecido o doutor Augusto, que ajudou tanto em todos esses anos, correndo atrás de descontos em farmácias e estando sempre presente em cada nova experiência; não teríamos conhecido Dona Miranda, antiga patroa da vovó, que tirava das suas economias para ir viajar no final do ano, dando em favor dos remédios caríssimos; não teria conhecido melhor o senhor Parker, que sempre parecia estar estressado com seus funcionários, mas que se mostrou um homem maravilhoso e solidário, que também nos ajudava com nossas despesas, tirando das economias para comprar um novo carro, que era seu sonho; não teria conhecido Dona Helena, que passou de diretora rígida, para uma grande amiga, ajudando muito com suas

palavras de conforto e mentido para pegar a cadeira de rodas, dizendo que era para sua tia; não teria conhecido um robusto homem, com barba comprida e expressão maligna no rosto, mas que na verdade era doce e puro, dono da farmácia onde eu pegava as fraldas, muitas vezes me dando algumas por conta da casa e outras com grande desconto; não teria trombado com aquela misteriosa mulher e não teria lido a tal carta que estava me fazendo refletir até agora...

O que todos eles têm em comum? Buscam a solidariedade, fazem o possível e o impossível para ajudar Dona Elizabeth. Se ela fosse uma pessoa má, será que todas essas pessoas ajudariam para que ela tivesse um descanso digno? Com certeza não.

Foi então que encontrei a resposta para minha dúvida e sabe onde estava Deus esse tempo todo?

Ele caminhava ao meu lado todos os dias sem eu perceber. Era Ele que me dava coragem todas as manhãs para acordar e batalhar, Ele me dava forças para fazer certas coisas que não faria há alguns anos, como por exemplo: limpar uma

senhora coberta de fezes.

Eu sabia que tudo que eu vinha fazendo por minha avó, sem dar a importância merecida, ela faria por mim. Se estivesse consciente, talvez ficasse feliz com isso.

Lembro-me bem o que ela me disse um dia: "Ainda precisarei de você...". E lá estava eu. Uma mão ajudando a outra. Tanto que ela ajudou pessoas, tinha chegado a sua vez de ser ajudada.

Por fim, Ele nunca nos abandonou. E nunca deixou de nos amar...

“Hoje sou a saudade imperial
Do que já na distância de mim vi...
Eu próprio sou aquilo que perdi...”

Fernando Pessoa

Ela estava deitada em sua cama. A sopa quentinha estava em uma vasilha, segurada por minhas mãos.

Há dias eu sinto minha vozinha diferente, mais parada, mais morta, sem expressão alguma (não gostaria de ter que usar esse termo, mas é preciso para que você entenda a situação em que ela está).

Seria apenas algo novo do Alzheimer? Não. Desta vez é diferente. Já se passaram quatro anos e muitas coisas mudaram, mas nada tão grave como agora.

Eu não sabia o que fazer, se deveria ligar para o médico.

— Vó, tenta comer só um pouquinho, por favor...

Ela nada respondia, tentava manter os olhos

abertos conforme conversávamos, mas eles sempre despencavam e eu ouvia somente resmungos saindo da sua boca.

— A senhora tem dor em algum lugar? — perguntei desesperada.

Um rouco 'não' saiu da sua boca.

— Acho melhor levá-la ao médico para ver isso direito. Fique calma, tudo dará certo! — eu disse.

Imediatamente, peguei sua bolsa com os documentos, uma mala e coloquei as roupas mais lindas e mais confortáveis que ela tinha e algumas fraldas que não podiam faltar.

Liguei para a ambulância e em instantes chegaram. Dois homens morenos e robustos a pegaram no colo e a colocaram na maca.

Eu estava ao seu lado, segurando sua mão e ela segurava a minha meigamente.

"Nunca a abandonarei..." pensava eu com clareza.

Seu olhar meio morto olhou em direção ao meu, eu senti o amor vindo de dentro deles. Como disse antes, ela podia até não saber quem eu realmente

era, mas sabia que eu era alguém amada, alguém que faz e faria de tudo por ela. Por mais que eu fosse um mero rosto desconhecido, seus olhos, ao me olharem, ainda pareciam uma linda e luminosa constelação no espaço.

Como não tínhamos plano de saúde, esperamos basicamente o dia todo para vovó ser atendida.

Finalmente, já na sala do médico, ele a examinou com muita cautela.

— É curável, não é? — eu disse, sem ao menos saber o que ela tinha, o importante era o seu bem-estar.

— Sua avó tem uma grave infecção de urina. Pelo fato de usar muita fralda e estar sempre suja.

— Sempre que ela se suja eu troco a fralda! E ela não vive suja não, pois saiba você que cuido muito bem da minha mãe! — Pela primeira vez, eu a chamei de mãe. Era como eu deveria tê-la chamado a minha vida toda, pois era isso que ela era. Minha mãezinha.

— Não estou julgando ninguém, minha querida. Tem certeza de que não há uma tia, ou irmão, que possa vir no seu lugar? Ainda é menor de idade...

— Mês que vem já me tornarei maior de idade.

Minha mãe teve que ser internada, sua infecção estava muito forte e não poderia ser tratada em casa. O tal médico ignorante se afastou e rapidamente peguei meu celular e liguei para doutor Augusto, que nos ajudou e acompanhou até aqui. Ele disse que iria assumir o caso dela e faria o melhor possível para que ela tivesse uma vida mais digna.

Neste ponto fiquei me perguntando: "Sua vida ainda existia ou já havia acabado há muito tempo e era somente um corpo sofredor?"

“Deus está junto a você
E vai te proteger, eu sei
Sei que agora
Já não há mais dor, para você.”

Por Que Você Se Foi? – Catedral

Vovó já estava instalada em um quarto, com aparelhos para que respirasse melhor. Seus olhos continuavam fechados e o pouco que abria deles era possível ver um brilho sem igual, como nunca tinha visto antes. Queria ser mais corajosa e mais positiva também, mas, em meu coração, algo dizia que era seu fim.

— Olá, como estão? — Entrou no quarto o médico Augusto.

— Bem mal. Desde que chegamos aqui ela não abriu os olhos e nada disse. Parece que os remédios não estão adiantando nada — eu disse triste e já pressentindo a situação nada boa.

— Realmente, nunca vi uma infecção tão grande.

Olhe, eu queria mesmo dar notícias boas, mas... não será isto que você ouvirá da minha boca. Esperaremos mais alguns dias, se ela não comer colocaremos uma sonda, se você permitir. Sabe como é o tratamento de um idoso sem plano, não é?

— Muito obrigada, doutor. Meio que estou conformada com isso já....

Minha avó dormia e continuava sem expressão alguma. Enquanto os enfermeiros estavam lá, decidi ir até a igrejinha do hospital. Fazia muito tempo que não entrava em contado com Deus.

E ali, ajoelhada, pedindo e suplicando para que tudo desse certo, notei que na parede estava escrito a oração do Pai Nosso. Eu, como legítima fiel, uma simples garota que não possuía nenhum bem em sua vida, apenas uma senhorinha insana, aquela que havia perdido sua fé e a recuperado em uma misteriosa "carta", comecei a ler e a entender a oração.

Este é o mal dos seres humanos que se dizem poderosos, não sabem nem ao menos o que estão dizendo ou rezando. Mas lá estava escrito: "Seja

feita a sua vontade, assim na Terra como no Céu". Em minha humilde humanidade, queria que Deus, aquele que tudo pode, curasse a minha avó. Mas isso não era algo que eu pudesse pedir. Será que era a vontade Dele, seria o certo e o mais justo?

De volta ao quarto, já sem esperanças, Dona Miranda deu duas leves batidas na porta. Olhou para minha avó, deu-lhe beijos na testa quente, que significavam alta febre e disse um sincero "Obrigada".

Mais tarde, o Senhor Parker segurou as mãos dela e sorriu, pude ver lágrimas saindo dos seus olhos, e logo ele as limpou. Aquele homem não conhecia minha avó direito, mas pelo tempo em que passaram juntos, pude perceber que nascia um grande afeto entre ambos, era isso que ela sempre causava nas pessoas.

A diretora mais sábia e caridosa apareceu também. Helena rezou baixinho e logo foi embora. Seu rosto estava vermelho e com uma aparência muito triste.

Amanda, minha melhor amiga, deu-me um abraço. E naquele momento agradeci por ter tido a

oportunidade de tantas pessoas maravilhosas terem nascido em minha vida.

Doutor Augusto, que já tinha me dado a notícia de que não haveria mais jeito, pois, nada combatia a infecção que já estava se alastrando, perguntou se gostaria de lhe colocar a sonda alimentar. Não, foi a minha resposta. Eu não permitiria mais um sofrimento a uma pessoa tão boa quanto vovó.

Ele, com sua simplicidade de sempre, acariciou o cabelo branco como uma neve e saiu.

Por fim, restava somente uma única pessoa a se despedir. Eu.

Não sei ao certo o que sentia. Nunca poderei explicar isto a você e nem a ninguém com simples palavras.

Senti meu rosto quente, várias lágrimas já lhe tomavam conta. Peguei sua mão macia e toda espetada por agulhas afiadas, lembrei-me de todos os momentos únicos que passamos juntas. Momentos bons e momentos ruins, mas que com força e amor transformamos a terrível tempestade em um simples dia chuvoso.

Ela, pela primeira vez em dias, deu um sinal.

Abriu devagar seus singelos olhos. Ao ver o seu olhar, pude ter a plena certeza do que eles estavam querendo me dizer há um longo tempo e pronunciavam suavemente:

"Aquilo que fez por mim, nunca será esquecido, pois ninguém faria o mesmo a uma velha feito eu. Posso ter me esquecido do seu rosto ou de quem você era, mas eu nunca, nunca, deixei de amá-la. Seja feliz! Viva a sua vida... E agora já no fim, o mais sincero e verdadeiro obrigada."

E novamente seus olhos se fecharam, mas agora, para todo sempre.

“A vida me parece bela e mágica, mas morro de saudade de você.”

Caio Fernando Abreu

Se conseguíssemos juntar todos os anos, eu lhe diria que o meu presente com certeza está sendo a coisa mais difícil que vivi.

A única pessoa importante para mim havia partido e um pedaço meu acabou indo junto.

Era ainda mais difícil olhar para sua cadeira na sala e não a ver me pedindo para ir embora e encontrar seu carinhoso marido. Era ainda mais difícil deparar-me com nossas fotos, onde sempre marcavam momentos felizes da nossa vida. E por fim, era mais difícil ainda não ter alguém para contar o que tinha aprendido na escola ou planejar o futuro.

Mesmo em sua humilde insanidade, ela nunca havia parado de me dar conselhos sábios para levar a vida. E cá estou eu, desnorteada, pois não existem mais conselhos a serem ouvidos.

Depois de muitas noites mal dormidas, finalmente consegui adormecer tranquilamente.

Sonhei que ela estava com suas roupas de sempre, cabelos impecáveis para o lado e em seu rosto existia felicidade; era o sorriso mais lindo que existia. Ao seu lado, um senhor. Não era um estranho para mim, mas nunca havíamos vivido momentos juntos. Ela me abraçou forte, seu sorriso sempre ali. Depois ele. Eu era a única indefesa, com lágrimas que preenchiam minha face.

Ele disse calmamente:

— Deixe-a ir. Ela está feliz agora.

E pela última vez, abracei minha amada vó.

Acordei chorando e meu peito estava um pouco mais leve.

Por muito tempo me perguntei o que um dia uma jovem escritora quis dizer com as seguintes frases: "Quem vive dentro de seu sonho, nunca enlouquecerá." e "As pessoas não são únicas, somos nós quem as tornamos assim."

Hoje eu entendi o significado dessas palavras.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“E a gente lembra.
E já não dói mais.
Mas dá saudade.”

Caio Fernando Abreu

Muito tempo se passou, e quem disse que não damos a volta por cima?

Olhei para o alto e li um nome muito simbólico em minha vida: Hospital St. Louis. Foi aqui que eu pude perceber que uma pessoa comum, pode fazer a felicidade das demais.

Consegui, com muito esforço, convencer a diretora do hospital que ali era o meu lugar. Ela me contratou em meu tempo livre para ser a “amiguinha solidária” das crianças com câncer. Aquilo realmente me fazia bem, ver aqueles sorrisos tão puros enchia o meu coração. Com a bolinha vermelha no nariz e um grande sorriso no rosto, consegui fundar uma campanha que existe em várias cidades: “Amiguinhos solidários”, onde

vários jovens, adultos e crianças têm o objetivo de espalhar sorrisos, não somente de crianças com câncer, mas sim de adultos ou velhinhos, ou melhor, todos aqueles que precisam de um pouco de harmonia em suas vidas.

Continuei o trabalho da minha avó de entregadora de sopa aos desabrigados e ganhei muitos novos amigos com isso. Por mais que as pessoas lhes vissem como seres humanos nojentos e sem teto, percebi que dentro do coração de cada um deles existia o Deus maravilhoso.

Formei-me na escola onde estudei a vida toda e, já maior de idade, pude escolher uma área para trabalhar.

Minha irmã Lúcia não podia ficar de fora. Ela havia tido dois filhinhos lindos e se separado há pouco tempo do marido. Em um dia normal, enquanto me preparava para ir ao hospital fazer o meu trabalho, Lú apareceu em nossa antiga casa, que eu ainda continuava habitando e, com um olhar piedoso, explicou a situação e pediu para que eu a deixasse morar comigo novamente.

Percebi que gostava muito de idosos e passei na

faculdade de medicina, formando-me como médica geriatra.

Conheci meu marido Lucca, que também é um grande médico e tivemos uma filhinha chamada Lourdes, em homenagem a vovó Liz, pois seu nome era Elizabeth Lourdes.

Fomos uma família muito feliz.

Um belo dia, enquanto voltava do trabalho, eu me perdi.

É aqui que começa o fim desta crônica. Escrevi tudo isto a você, para que conhecesse a minha jornada, já que em pouco tempo eu me esquecerei de tudo. Mas saiba que, por mais triste que foi e agora talvez será a minha história, cada momento foi apreciado com muito amor e coragem. Eu fui muito feliz.

Quem sou eu?

Meu nome é Cameron Evans e eu tenho Alzheimer."

“Saudade é a flor que
só floresce na ausência.”

Rubem Alves

<<p class="Texto para-style-override-11">Não sabendo como agir, Clarisse deixou cuidadosamente o livro velho e muito precioso onde estava quando o encontrou.

Todo esse tempo, ela não tinha conseguido saber que tal mulher astuta e corajosa era a doce velhinha que neste momento roncava tranquilamente. Não podia acreditar que os olhos mais cintilantes de Dona Cameron já haviam visto tantas coisas.

Tão sábia.

Aquela história mudara o modo de Clarisse ver a vida.

“–A chuva dessa madrugada
encharcou meu travesseiro.
–Goteiras?
—Sim! Em um temporal de lembranças
meus olhos pingaram saudade.”

Thatá Figueiredo

Aonde vamos? — perguntou ansiosa.

— Vamos ver a maravilhosa manhã do dia de hoje — respondeu Clarisse, com um largo sorriso no rosto.

Depois de passearem por um belo e comprido caminho, as duas se sentaram em uma praça no centro da cidade. Dona Cameron em sua cadeira de rodas e Clarisse em um banco ao seu lado.

—

Existia coisa mais linda que uma manhã?

Milagres estavam em todas as partes,

principalmente em um amanhecer. O porquê disso?

A manhã significa que você está vivo mais um dia. É mais um dia para sorrir, mais um dia para agradecer, mais um dia para dizer “Eu amo você”.

O amanhecer é a junção de tudo que há de mais belo para ser visto. Pássaros cantam, borboletas voam e o ar fresco que respiramos se torna mais puro.

Ao invés de reclamar pelo fato de mais uma vez estar sendo acordado com o barulho do despertador, agradeça.

Pois com isso, você está tendo mais uma chance de fazer tudo de novo. Com um olhar mais amplo, viva intensamente. Seja feliz em cada momento.

E nunca se esqueça, viva cada problema em seu dia, buscando obter alguma aprendizagem, pois só assim você entenderá o sentido de amar.

Notas da Mãe da Autora

Sueli Carnavale Brighenti

A felicidade para ela agora é algo tão simples. Apenas voltar para casa, ver seus filhos ainda pequenos, que brincam no terreiro. Ver seu marido amado, chegando do trabalho. Quanta vontade de preparar o jantar...

E eu, sentindo-me tão impotente, por não conseguir fazê-la feliz com algo tão simples: Voltar para casa sozinha.

Como gostaria de abrir as portas do passado e deixá-la ver, por alguns instantes, sua humilde e feliz vida que ficou trancafiada para sempre.

Como dói ver seu desespero, seu olhar diz estar tudo estranho, confuso, como lhe explicar quem sou eu e o quanto a amo, sendo para ela um rosto desconhecido?

Como dizer: “Mãe, sou eu!”, se para ela ainda sou uma criança desprotegida?

Em seu rosto, um olhar sempre desconfiado.

Suas coisas, onde estão?

Onde estariam seus pais tão amados que nunca chegam?

Quantas perguntas sem chance de se obter respostas convincentes.

Gostaria de esconder de você a triste realidade da vida.

Por mais que cuidemos, como evitar a queda de uma criança?

Uma pequena queda que pode pôr fim a uma vida.

Até agora, nos questionamos se o acontecido fora um aliado para acabar com tanto sofrimento ou apenas uma triste fatalidade.

Como realizar seu último desejo?

“Voltar ao passado”

Amo você mãe!

Quem é essa mulher que acabou de chegar?

Quero ir para minha casa.

Onde está minha filhinha?

O meu marido não chega logo, sinto tanta saudade.

Estou com fome, parece que eu comi agora pouco, mas sinto minha barriga vazia.

Que cheiro ruim é esse?

Está tudo tão confuso.

Essa mulher que me olha com brilho nos olhos é tão linda, mesmo não a conhecendo sinto algo aqui dentro, que não sei explicar, mas é

bom.
Ela transmite carinho, paz, amor.